

Prevalência e Fenomenologia¹

Fábio Eduardo da Silva

Os relatos de *experiências relacionadas a psi* tais como aparente clarividência, telepatia e precognição são muito frequentes em praticamente todas as culturas ou tradições religiosas. Estudos contemporâneos de levantamento sugerem que cerca de mais de 50% das pessoas, onde esses estudos foram realizados, relatam ter tido tais experiências. Nos EUA, um estudo conduzido pela universidade de Chicago considerou aproximadamente 1.500 pessoas adultas, das quais 67% relataram ter tido alguma experiência psi. Percentuais de relatos Psi acima de 50% foram encontrados em estudos de levantamentos realizados na América do Norte, Grã-Bretanha, outros países da Europa, oriente médio, Brasil, Ásia e Austrália. A telepatia surge como a experiência psi mais comumente relatada, aparecendo em cerca de um terço ou às vezes na metade das populações. A clarividência aparece nos relatos de um quinto da população. Bem menos frequentes, os relatos de psicocinesia aparecem entre 5 a 10% de incidência relativa (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000).

Aspectos culturais parecem influenciar a prevalência destes relatos. No Brasil, onde a influência do espiritismo afro-brasileiro parece ser importante, num estudo conduzido por Zangari e Machado (1997), 89,5% de 181 estudantes universitários de São Paulo responderam ter tido ao menos uma experiência psi.

As coleções de estudo de caso sobre as experiências anômalas relacionadas à psi permitem o levantamento de características destes fenômenos. A maior parte dos estudos relaciona-se aos relatos de ESP, sendo que estudos sobre *PK* são bem menos frequentes. Algumas das principais características encontradas sobre *ESP* serão mostradas abaixo, seguidas das características relacionadas a *PK* (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000).

Dentre os estudos de levantamento de experiências psi mais contemporâneos, destaca-se a coleção de casos feita pela doutora L. E. Rhine, com mais de 10.000 relatos. Ela verificou que 60% destes relatos de Psi relacionam-se a fatos do presente, ocorridos em outro local (não acessível sensorialmente pela pessoa que relata o caso). A maioria dos casos restantes refere-se a fatos futuros - precognição - e uma minoria muito rara a fatos passados - retrocognição. L. E. Rhine classificou seus casos em quatro formas subjetivas pelas quais a aparente informação *ESP* chega à consciência do experimentador: a) impressões intuitivas - um pressentimento ou conhecimento súbito sobre o um evento distante (no tempo ou no espaço), 26 %; b) alucinações - a informação extra-sensorial apresenta-se como uma alucinação sensorial, tal como ver uma aparição ou ouvir uma voz, 9%; c) imagens visuais realísticas - a maioria das experiências extra-sensoriais deste tipo ocorre através de sonhos, nos quais as imagens são muito detalhadas representando literalmente os eventos aos quais se referem, 44% e d) imagens visuais não realísticas - em contraste com o item anterior este tipo apresenta-se sob a forma imagens associativas, simbólica ou disfarçadas, 21%. A maioria das experiências precognitivas ocorria em sonhos com imagens visuais realistas, enquanto que os relatos relacionados à fatos presentes ocorriam marginalmente mais frequentes sobre a forma intuitiva (33%) (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000).

As experiências relacionadas a Psi usualmente incluem apenas parte da informação relacionada ao evento a que se referem, por exemplo, **o que** acontece e com **quem** acontece. As experiências psi mediadas por imagens visuais realísticas apresentaram o mais alto índice de completude de informações (91%), sendo seguidas pelas experiências psi através de imagens não realísticas (72%), intuições (55%) e experiências alucinatórias (32%) (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; IRVIN, 1999).

O conteúdo destas experiências parece ter um significado pessoal para quem as vive, sendo que, frequentemente, relaciona-se a uma pessoa com vínculos emocionais com aquela que tem a experiência, envolvendo situações de morte, crises pessoais, ou outros fatos importantes. Com frequência, essas experiências são relatadas como sendo significativas e constrangedoras e, em 36% dos relatos as pessoas estão convictas, no momento em que tem a experiência, de que ela refere-se a fatos reais. Esta convicção é mais presente nas experiências com forma intuitiva (84%) e menos presente naquelas que envolvem imagens visuais não realísticas (19%). Outro aspecto é que a maioria das pessoas que têm tais experiências relata estar sozinha quando as vivenciam, com exceção da forma intuitiva. Durante a experiência, 90% delas relatam estar envolvida em atividades físicas mínimas, sentadas ou dormindo. Apenas 3% delas, relatam estar desenvolvendo atividades fortes, como num jogo ou exercício, durante tais experiências (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; IRVIN, 1999).

Na coleção de casos da doutora Rhine, dos mais de 10.000 relatos apenas 178 relacionavam-se com a

¹ Este texto é parte do capítulo 1 (Introdução) da dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Psicologia (SILVA, F. E. **Psi: é possível treinar? revisando a literatura sobre desenvolvimento psi**. 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.)

PK (IRVIN, 1999). O baixo percentual destas experiências aparece também em outros estudos de levantamento (GALLUP, NEWPORT, 1991; DEFLORIN, SCHMIED, 2000; MONTANELLI, PARRA, 2000). Quase todos os casos estudados pela doutora Rhine incluíam duas pessoas muito amigas ou parentes, uma que presenciava a *PK* e a outra que à distância (usualmente) vivia uma crise (sendo que em mais da metade dos casos esta crise se relacionava à morte). Tal configuração sugeria que a pessoa em crise comunicava a outra através de *PK*, porém, alguns poucos casos nos quais havia apenas uma pessoa envolvida, sugeriram que a pessoa próxima é que provocava a *PK*. Assim, refletiu-se sobre a possibilidade de a pessoa que presenciava o evento supostamente *PK* obtinha a informação por *ESP* e reprimia a informação por ser desagradável, produzindo o suposto fenômeno como forma de expressão da mesma (IRVIN, 1999). Os relatos de *PK* estudados não servem como prova para o fenômeno em si, porém sugerem que, se estiver ocorrendo, seu funcionamento é amplamente inconsciente para ambas as pessoas envolvidas e também que o significado pessoal é muito importante nestes eventos, o que tem sido negligenciado pelas pesquisas experimentais (HEATH, 2003).

Num estudo fenomenológico, Heath (2003) analisou aspectos qualitativos de experiências sugestivas de *PK*, através de entrevistas com oito sujeitos. Esses sujeitos foram selecionados por terem sua experiência testemunhada por uma pessoa respeitável, por terem sido testados experimentalmente ou por terem uma reputação de **terem habilidade para produzir *PK***.

Numa revisão preliminar das transcrições, a autora encontrou a repetição de certas características “chave” que, quando somadas, indicam um tipo primário de experiência *PK*. Essas características envolvem: um estado alterado de consciência com estreitamento da atenção; perda do senso do ambiente; um senso de conexão; dissociação da identidade do eu individual; suspensão do intelecto; presença freqüente de emoções de pico ou ironia; uma sensação de energia; intenção focalizada; falta de esforço; atenção liberada; abertura para experiência; sensação de impacto, e uma “compreensão”, uma sobreposição entre os estados de *ESP* e *PK* e/ou energia. Essas características variaram: para metade dos participantes, elas pareceram ser primariamente associadas a experiências espontâneas de *PK* e tentativas iniciais de experiências intencionais de *PK*. As variações encontradas foram mais intensas para presença de uma emoção de pico e menos intensas para um EAC e consciência da energia. Os fatores confiança e motivação não se relacionaram com as características chave do fenômeno.

Referências

- TARG, E., SCHLITZ, M., IRVIN, H. J. Psi related experiences. In: CARDENÁ, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. (Ed.), **Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence**. Washington: APA, 2000. p. 219-251.
- ZANGARI, W.; MACHADO, F. R. Experiências religiosas e experiências parapsicológicas entre estudantes universitários, In: CONGRESSO INTERNACIONAL E BRASILEIRO DE PARAPSIKOLOGIA, 1., 1997, Recife. **Anais...** Recife: IPPP, 1997. p. 347-364.
- IRWIN, H. J. **An introduction to parapsychology**. 3^a. ed. Jefferson: McFarland & Company, 1999.
- GALLUP, G.H.; NEWPORT, F. Belief in paranormal phenomena among adult Americans. **Skeptical Inquirer**, v. 15, p. 137-146, 1991.
- DEFLORIN, R.; SCHMIED, I. Paranormal experiences in the german population: conception of an empirical study. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 86-98.
- MONTANELLI, D. G.; PARRA, A. Conflictive psi experiences: a survey with implications for clinical parapsychology. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 178-190.
- HEATH, P. R. **The PK zone: a cross-cultural review of Psychokinesis (PK)**. New York: Universe, 2003.